

O Marinheiro Vermelho

Órgão das células do Partido Comunista
Português (s. p. i. c.) na Marinha de Guerra - O. R. A.

A Unidade de Acção em marcha Desfazendo confusões

No número anterior do «Marinheiro Vermelho» dizíamos nós «estar dispostos a encetar negociações com todos os restantes grupos antifascistas da Armada», para a realização da Unidade de Acção contra o fascismo e a guerra. Desde então até agora já fomos abordados pelo representante de um grupo de combate, republicano, a quem apresentámos as nossas questões.

No entanto convém desfazer quaisquer confusões que possam subsistir.

Referindo-nos ainda à frase transcrita mais acima, nós falámos da nossa disposição em encetar negociações COM TODOS OS RESTANTES GRUPOS ANTIFASCISTAS DA ARMADA. Ora a pessoa que se nos apresentou não representava nenhum grupo da Armada. Mas sim uma organização republicana, misto de civis e de militares. Dá-se ainda a circunstância desse referido grupo já fazer parte da Frente Popular Antifascista, frente essa em que se encontra representado o Partido a que pertencemos. Nestas circunstâncias a entrevista que realizamos não pode ter outro significado senão o de ter servido para reforçar as relações cordiais que deve existir entre todos os organismos representados na Frente Popular.

Nós marinheiros da O. R. A., somos militantes do Partido Comunista Português. Temos a largueza necessária para discutir e efectivar acordos de acção comum com OUTROS SECTORES ANTIFASCISTAS — OU PESSOAS ISOLADAS — DA ARMADA, dentro da linha política traçada pelo Partido. Por isso aconselhamos todos os grupos civis ou militares antifascistas, MAS NÃO FAZENDO PARTE DA ARMADA, a dirigirem-se directamente aos órgãos centrais do Partido, ou à Frente Popular Antifascista, e a discutirem com eles as questões da unidade de acção.

Quanto aos grupos, aos grupos Antifascistas

A Disciplina do Partido

Há muitos camaradas nossos que interpretam a disciplina do Partido, seja sob um aspecto militarista, seja sob um conceito acanhado e anárquico.

A obediência da minoria à maioria não é sempre observada. Alguns camaradas são membros do Partido... enquanto as suas opiniões são aceites. Em caso contrário, zangam-se, barafustam e desaparecem. O Partido não seria capaz de realizar a sua missão, porém, se não tivesse uma noção revolucionária da disciplina.

No livro intitulado, «O Leninismo teórico e prático» diz Staline acerca da disciplina:

«Mas o Partido é não sómente a forma mas também o sistema único das suas organizações, a sua união formal num todo único que comporta órgãos superiores e inferiores de direcção, onde a minoria se submete à maioria e em que as decisões práticas, adaptadas, são obrigatórias para todos os membros. Se assim não fosse, o Partido não poderia realizar a direcção metódica e organizada da luta da classe operária».

Por mais de uma vez temos observado que certos camaradas ainda não compreenderam bem o que é a disciplina bolchevique, e que, à mais pequena divergência saem do Partido com o mesmo á-vontade que usariam para abandonar um carro electrico.

Por isso devemos emprestar de futuro uma maior atenção às questões de disciplina dentro das nossas fileiras. A questão discutida e aprovada pela maioria deve ser obrigatória para todos, isto é, todos — mesmo os que tiverem opinião diferente — se devem empregar a fundo para a realizar.

da Armada, com esses estamos prontos a estabelecer acordos de acção comum sobre a plataforma que se estabelecer e que tenham por base as reivindicações gerais de todos os marinheiros. E não só com grupos mas até com marinheiros antifascistas, isoladamente.

Procedendo assim, interpretamos o desejo da massa anti-fascista da nossa corporação.



AS GUERRAS DE MUSSOLINI

Façamos cumprir as sanções!

A guerra de rapina da Itália fascista, continua no terreno acidentado da Abissínia. Aos bombardeamentos sistemáticos das populações indefesas, sucedem-se os ataques descarados às ambulâncias da Cruz Vermelha e aos hospitais de sangue.

O «grande civilizador» romano da nova Itália imperial já dá mostras, de ante-mão, do que viria a suceder ao povo abexim se por fatalidade tivesse de experimentar os «benefícios» da civilização imperialista. Os marinheiros portugueses, que já viajaram por aquelas terras a que os salazaristas chamam «as nossas colónias», sabem bem o que de civilizado e de progressivo tem feito a burguesia imperialista para elevar o bem estar material e a capacidade intelectual das massas trabalhadoras negras. Passados cerca de 400 anos após a subjugação das populações interiores das actuais colónias, estas continuam a viver de tanga, inculcos e morrendo de fome. Em compensação receberam das mãos dos «civilizadores» a Bíblia, a sífilis, a tuberculoso, as chicotadas e a escravatura do trabalho.

A Sociedade das Nações foi criada pelos países capitalistas, para seu governo. Mas, foram-se a pouco e pouco as ilusões, e hoje a S.N. nada seria se a União Soviética lá não estivesse a salvar os princípios da Paz. Os capitalistas apesar de terem necessidade de viverem em paz uns com os outros, neste período tão periclitante da sua existência, não o conseguem, porém, pois «os seus olhos sempre foram maiores do que a barriga». Daí as contradições inevitáveis, e as inevitáveis lutas de interesses entre os diversos estados capitalistas.

No caso presente a Inglaterra desempenha um papel de alta comédia, fazendo-se passar por campeão da liberdade dos povos. A Índia, o Egipto, a África, a Australia, e tantas outras nacionalidades oprimidas pela pata imperialista do Reino Unido, são provas suficientes desse «liberalismo», agora dispendido no caso da Abissínia.

Portugal fascista, pela mão de Inglaterra, não podia deixar de desempenhar também a sua rábula desta representação. Os mesmos tiranos que trazem um país a ferro e fogo, de há 40 anos para cá, vão lá para a Assembleia de Genebra lançar patacoadas sobre a «liberdade» e a «fidelidade» dos povos pequenos.

Para nós revolucionários, que encaramos as questões sob aspecto diferente, aspecto único que pode livrar as nacionalidades oprimidas das tutelas imperialistas, a prática das sanções a fundo, apresenta-se-nos como a via mais rápida de afogar os desejos imperialistas de Mussolini. E se por interesses diferentes os representantes da burguesia mundial votaram as sanções, é a nós a quem cumpre velar para que essas sanções sejam de facto aplicadas e não fiquem simplesmente no papel. Devemos opor-nos a que os barcos italianos continuem fazendo o seu tráfego pelos portos nacionais. Não devemos consentir que saia do país uma única lata de sardinhas com destino aos exércitos italianos! Devemos protestar, sempre que o «Estado Novo», por «portas e travessas» realises fornecimentos à Itália!

Discuti nas vossas reuniões a questão do conflito ítalo-etíope e votai protestos dirigidos ao embaixador da Itália em Portugal!

Os colaboradores de

«O Marinheiro Vermelho»,

O nosso periódico é pequeno. As suas quatro páginas aí estão a atestar esta verdade. Os nossos escritos, por isso, devem ser concretos e curtos, caso contrário ficamos impossibilitados de os publicar.

As narrações que mais nos devem interessar são as que abordem aquelas questões que interessem directamente os marinheiros.

Por outro lado não devemos esquecer que o «Marinheiro Vermelho», não é nada independente da nossa actividade. A sua publicação não representa somente uma soma de esforço e de dedicação. Representa, igualmente, um dispendio considerável.

Se não auxiliares «O Marinheiro Vermelho» como é que ele pode viver?

Laçamos a ideia de criação em cada barco, de grupos de leitores e amigos do «Marinheiro Vermelho». Cada um desses grupos além da leitura colectiva e discussão de cada número do nosso periódico, trataria de angariar fundos para ele.

No próximo número já iniciaremos a publicação dos donativos que viermos a receber. Auxiliai, portanto, desde já o nosso jornal!

Precisamos de uma verba fixa de 200 escudos mensais!

Concorrei com o que vos for possível!

«O proletariado é o verdadeiro dono do mundo, o seu dono de amanhã. E ele deve entrar na posse dos seus direitos históricos, passar para as suas mãos as rédeas do poder, em cada país e no mundo inteiro»

DIMITROFF

A nossa resposta a Salazar Thaelmann, filho e herói do proletariado

Não consintámos nem mais uma prisão!

De vez em quando, os cães de fila de Salazar invadem as unidades para levarem para a Rua Leva da Morte os marinheiros mais queridos e mais dedicados á nossa causa. As «belas flôres» e as «nobres altitudes» da oficialidade são conhecidas: fazem causa comum com a Polícia e tornam-se, até, em seus agentes.

A inviolabilidade das unidades é letra morta. Os assassinos profissionais, assalariados pelo Estado Novo, tem livre entrada e ainda por cima são auxiliados pelos braços agaloados dos nossos oficiais. As atitudes de «independência» de «elevado moral» etc. etc. da oficialidade revelam-se nessas ocasiões em toda a sua hediondez.

Portanto, camaradas, somos nós—e só nós!—quem deve salvar aquilo a que eles chamam o «brio dos marinheiros». Seremos nós quem de futuro deve dar a resposta a Salazar. Quando novamente a Polícia tentar invadir a unidade para realizar prisões, responda nos-lhe com o argumento que possuímos: a nossa força.

As patas dos cães de fila de Salazar não devem mais emporcalhar as fardas limpas dos marinheiros, nem mais pisarem o convés das unidades. Quando se aproximarem: fora com eles e com quem se puzer ao seu lado, muito embora ostente galões!

Vigilância constante! Alerta camaradas!

LUTEMOS SEMPRE!

O nosso querido jornal, porta-voz das reivindicações dos marinheiros vai continuando a sua publicação, embora, não tenha saído normalmente porque é fácil compreender quanto esforço, quanta energia e vontade é preciso para que o nosso órgão continue aparecendo, em face das perseguições constantes da matilha da polícia de informações, que nos anda sempre a farejar. Mas nós, camaradas, nunca esmorecemos, nunca abandonaremos esta luta enquanto a bandeira do proletariado não estiver flutuando nos mastros dos navios de guerra.

Camaradas: nós que fomos escolhidos para sustentáculo da burguesia, devemos empregar, toda a vontade e saber em favor da nossa causa. Nada para traz, tudo para a frente. Caminhar até encontrar um governo operário e camponês. Porque só com um governo operário e camponês é que podemos dizer que somos livres e dignos da condição de homens.

Camaradas: nós filhos e irmãos de operários e camponeses, nós que pertencemos à clas-

A «justiça» hitleriana prepara-se novamente para levar a efeito mais uma farça no género da que foi posta em cena para julgar Dimitroff. Trata-se do julgamento de Thaelmann, o dirigente de heroico Partido Comunista Alemão e o símbolo querido do antifascismo mundial. Se a acção de massas, internacional, conseguiu libertar Dimitroff das garras dos seus algozes «castanhos», uma acção idêntica deve salvar aquê que Hitler e seus apaniguados já sentenciaram à morte: Ernst Thaelmann.

Thaelmann é um dos melhores filhos da classe operária alemã. A sua vida, é a vida de um revolucionário constante e inteligentemente na defesa dos interesses dos que trabalham. A sua profissão está bem junto da nossa, marinheiros, pois Thaelmann foi «docker» no porto de Hamburgo. Quando nesta cidade estalou a revolta das massas esfomeadas pelos quatro anos de guerra, vimos Thaelmann, de armas na mão, combater nas barricadas ao lado dos marinheiros revolucionários e outros combatentes.

A burguesia não perdoa aos seus inimigos, a despeito do manito bordado das suas frases «magnânimas». Ela vê em Thaelmann um inimigo perigoso que é preciso abater.

No III Reich de Hitler, a justiça é um esfregão ao serviço da grande burguesia, da grande finança. Lá como cá, as leis fazem-se para iludir as massas. A Polícia de Informações alemã —a Gestapo— utiliza aqueles mesmos métodos que nós já conhecemos da Rua da Leva da Morte. Lá como cá, as testemunhas de acusação «fabricam-se». Para o processo de Thaelmann estão convocadas testemunhas que representam autênticos criminosos, com folhas corridas, negras de sujidade.

Em nestas circunstancias, e após 3 anos de incomunicabilidade, que Thaelmann vai comparecer ante os seus algozes. Dirijamos desde já os nossos protestos ao embaixador alemão, na Rua do Sacramento 58 exigindo a libertação de Thaelmann e dos milhares de antifascistas alemães a ferros! Fortaleçamos a luta internacional a favor de Thaelmann!

se dos oprimidos, não devemos ficar alheios á luta que se está travando entre as hostes reacionárias fascistas e os antifascistas; esta luta de morte, esta luta sem tréguas, esta luta em que havemos de sair vitoriosos. Porque camaradas: o fascismo existe enquanto vivermos desunidos e desorganizados. Devemos enfileirar em massa nas hostes comunistas lutando debaixo da bandeira que tem como símbolo a foice e o martelo.

Viva a União Soviética!

Viva o Partido Comunista!

Viva a O. R. A.!

Pela libertação dos nossos camaradas presos!

ARRANQUEMOS DAS PRISÕES FASCISTAS OS NOSSOS MELHORES COMPANHEIROS DE LUTA!

O fascismo para se manter no poder precisa de vítimas. Faz-nos lembrar aquelas divindades antigas que carriam de sangue para se apaziguarem. Por do que elas, o fascismo não se contenta com sacrifícios pequenos. Exige vítimas todos os dias. E as levadas de presos, os espancamentos e as torturas, são o seu sustento.

Dezenas de marinheiros, ao lado de centenas de outros anti-fascistas, jazem nos cárceres salazaristas. Os melhores dirigentes, os militantes mais queridos do movimento antifascista estão a ferros.

Os marinheiros Guedes, Oliver, Taborda, Neto Paiva, Jaime Francisco, Ochemberg, Rui Gomes, e tantos outros, ao lado de Bento Gonçalves, José de Sousa, Fogaça, Faustino, Alpedrinha, Seiro, Manuel dos Santos, Fonsêca, e muitas outras centenas de anti-fascistas, reclamam a nossa acção, tanto para minorar os seus sofrimentos como para alcançar a sua libertação. A ORA convida todos os marinheiros a unirem-se dentro das suas fileiras e a reforçarem, desta forma, a nossa luta contra as brutalidades fascistas e pela Amnistia. Enviai protestos colectivos dirigidos às autoridades fascistas contra os espancamentos, as deportações e exigei a amnistia. Enviai êsses mesmos protestos à oficialidade da Marinha de Guerra.

**Bento Gonçalves, José de Sousa e Júlio Fogaça
deportados sem julgamento!
Exijamos o seu imediato regresso à Metrópole!**

Após 2 meses de incomunicabilidade, foram deportados para a Fortaleza de Angra, os nossos queridos camaradas Bento, Sousa e Fogaça, sem terem sido julgados. Salazar quer rouba-los à nossa vigilância e, ao mesmo tempo, envia-los para a Fortaleza-tumulo onde vivem cêrca de 150 deportados anti-fascistas que vêem a vida fugir-lhe aos bocados.

Se é certo que a actividade das organizações antifascistas e dos seus amigos e militantes conseguiram obstar a que a Polícia realizasse os tórvos designios de Salazar — «suicida-los» — não é menos certo que se a nossa acção fraquejar os carrascos salazaristas acabarão por mata-los longe do continente.

O envio dêstes camaradas para Angra significa que Salazar pretende condemná-los fora das nossas vistas.

Há que impôr o seu regresso para a metrópole!

Nem um único barco de guerra deve deixar de enviar os seus protestos às autoridades! Nem um único marinheiro deve ignorar esta nova violência da pandilha do «Estado-Novo»!

**NA PRISÃO DE ANGRA
9 Antifascistas com as penas cumpridas e
8 deportados sem julgamento!**

Ultimamente regressaram de Angra 40 deportados que ali se encontravam. Na sua maioria são operários da Marinha Grande, condenados pela sua acção no 18 de Janeiro.

Mas, — e por aqui se vê o que é o direito e a justiça salazarista — na Angra continuam encarcerados 9 antifascistas que lá cumpriram as suas penas. Alguns há vinte e tal meses. Também ali se encontram detidos sem julgamento,

8 camaradas, entre os quais há alguns com dezenas de meses de prisão!

Somam, portanto, em total, 17 antifascistas que vivem fóra das próprias leis do salazarismo. A isto se chama «justiça e moral»! Entre êsses 17 camaradas figuram os nomes de Manuel Alpedrinha, Francisco Cachapuz, Fernando Quirino, Armando Callet, Dr. Manuel Baptista (republicano), etc.

Devemos exigir a imediata libertação dêstes deportados, ilegalmente detidos por Salazar!

Adaptai nas nossas reuniões esta questão!

Enviai os vossos protestos às autoridades e à oficialidade exigindo o regresso dêstes camaradas.

**Auxiliemos os marinheiros Presos!
Lutemos pela sua libertação!**

Os nossos camaradas da corporação, presos e condenados pelo «Estado-Novo», continuam a ferros, a pagarem assim a sua dedicação à causa revolucionária, e aos interesses dos marinheiros. E' assim que «a Pátria nos contempla», se deixamos a passividade para lutar pelo nosso direito à vida!

O nosso dever é salvar os nossos camaradas mais dedicados. Nenhum marinheiro deve deixar de contribuir materialmente para minorar os sofrimentos, tanto dos marinheiros presos como das suas famílias.

Por intermédio do Socorro Vermelho devemos levar àqueles camaradas o fruto do nosso apadrinhamento.

Em cada barco, devemos constituir um Comité de Apadrinhamento para a recolha de fundos entre os marinheiros da unidade e para divulgar entre todos êles os horrores da «justiça» salazarista. Devemos continuamente exigir a libertação dos nossos presos!

Queremos a sua libertação!